

O rapto das cebolinhas

(Maria Clara Machado)

Personagens: O Coronel, Maneco, neto do Coronel, Lúcia, neta do Coronel, Gaspar, o cachorro, Florípedes, a gatinha, Simeão, o burro, Camaleão Alfaca, o detetive, O Médico.

(O cenário representa a horta do Coronel. São vistos três pezinhos de planta. Girassóis. À frente da horta, uma cerca bem baixinha. Um espantalho. Uma árvore. Um banco na frente da árvore. Uma casa de cachorro no proscênio à direita.)

Primeira Cena

(É madrugada. Vê-se passar pela cena uma figura envolta numa capa preta, com um grande chapéu. - Os passos devem ser acompanhados do barulho de lixa raspando, reco-reco e pente de arame num tambor. - Olha para todos os lados, penetra pela porteira da cerca, olha de novo para todos os lados, procura no chão, descobre o que queria, faz o gesto de arrancar, cobre o que arrancou com a capa e, pulando a cerca, desaparece de cena, sempre escondendo o rosto. Pausa. Começa a clarear, ouvem-se o galo cantar e passarinhos. O Coronel entra assobiando alegremente, carregando ancinho e regador. Entra na horta, para e grita.)

CORONEL - Roubaram! Socorro! Socorro! Roubaram o pé de cebolinha do Coronel Felício. Roubaram! (Pausa) Quem terá sido? Quem teve coragem de roubar o pé da mais preciosa cebolinha que existe no Brasil? Onde está o Gaspar? (À parte) Gaspar é o vigia da horta. (Chamando) Gaspar! Gaspar!... "Ouve-se um latido, e em seguida aparece Gaspar, um enorme cachorrão".

CORONEL - Gaspar, quem roubou o meu pé de cebolinha?

GASPAR - (que não fala, mas late com expressão humana, dando as inflexões necessárias) Au... Au... (Corre até os últimos pés de cebolinha e cheira os ruidosamente.)

CORONEL - Foi você quem comeu a minha cebolinha? (Gaspar late que não.)

CORONEL - Palavra de cachorro? (Gaspar late que sim.)

CORONEL - (à parte) Estou na dúvida se cachorro tem ou não tem palavra. (Para Gaspar) Então quem foi?

GASPAR - (meio apavorado) Au... Au... (Indica a direita com o focinho.)

CORONEL - Foi Florípedes?

GASPAR - Au... Au... (Diz que não.)

CORONEL - Foi Simeão?

GASPAR - Au... Au... (Diz que não.)

CORONEL - Gaspar, vá correndo chamar Florípedes e Simeão. Quero todo mundo aqui. (Sai Gaspar.)

CORONEL - Ah! Preciso descobrir o ladrão. Quem teria a coragem de fazer uma coisa destas? (Chamando) Lúcia, Maneco! Onde estão os meus netos? Maneco, anda cá, seu maroto. Lúcia, acorda, menina. O avô foi roubado!(Entram Lúcia e Maneco, aflitos.)

MANECO - Você chamou, vovô?

LÚCIA - O que é que aconteceu, que você está tão nervoso, hem, vovô?

CORONEL - Vocês não podem imaginar o que aconteceu?

MANECO - De ruim ou de bom?

CORONEL - De péssimo, ora!

MANECO - Aposto que o seu reumatismo doeu a noite inteira. (Coronel diz que não com a cabeça.)

LÚCIA - Morreu a vaca leiteira?

CORONEL - (quase gemendo) Nada disso, nada disso.

MANECO - Então o que foi?

CORONEL - Ai... Ai... Ai...

MANECO - O pé de tomate secou?

CORONEL - Não.

LÚCIA - O tacho de melado quebrou?

CORONEL - Não.

MANECO - O bezerro preto desmamou?

CORONEL - Não.

LÚCIA - E a vaca malhada desmandou...

CORONEL - Não.

MANECO - A água do poço vazou?

CORONEL - Não.

LÚCIA - E a horta inundou... (O diálogo é bem rápido, e as crianças quase não deixam o Coronel dizer não.)

CORONEL - Nada disso, nada disso; antes fosse. Olhem lá dentro. (Aponta para dentro da cerca. Os dois meninos entram no cercado.)

MANECO - Oh!

LÚCIA - Que horror! Pobre vovô! (Para a plateia) Arrancaram o pé de cebolinha. (Para o avô) Quem foi?

MANECO - Quem foi o ladrão, hem, vovô?

CORONEL - Não sei ainda. Temos que descobrir. Ainda ficaram dois pés. Os últimos.(Chorando) Ai, meu Deus! Estou tão abafado que nem posso pensar direito. Dois anos criando essas cebolinhas, e agora...

LÚCIA - Fique mais calmo, vovô. Não se amole tanto. Mandaremos vir outras mudas iguais e elas vão crescer que nem capim.

CORONEL - (indignado) Lúcia, minha neta, não torne a dizer esse absurdo. Você sabe muito bem que estas cebolinhas são diferentes. São cebolinhas da Índia. Quem toma chá dessas cebolinhas tem vida longa e alegria! E estas são as últimas que existem no Brasil...

MANECO - (interrompendo) Fale mais baixo, vovô. Você quer que outros ladrões apareçam para roubar as duas que sobraram?

CORONEL - É mesmo, meu filho. Todo o cuidado agora é pouco. Irei até a cidade contratar um detetive para descobrir o ladrão. Prestem bem atenção no pessoal daqui. Todo mundo é suspeito. Vou me vestir e já volto.

(Sai)

MANECO - Pobre do velho. Quem teria sido o ladrão? (Ouve-se um miado, um relincho e um latido, e em seguida entram os bichos)

MANECO - Aí vêm os bichos. Florípedes, venha cá. (Ela se aproxima de Maneco, dengosa)

MANECO - Foi você quem roubou as cebolinhas do vovô? (Florípedes, assustada, vai até o canteiro, olha, mia, volta para junto de Simeão e, miando com convicção, faz que não, ofendida, como dizendo: "Isso é pergunta que se faça?")

MANECO - Simeão, venha cá. (Simeão se aproxima com medo)

MANECO - Foi você quem roubou as cebolinhas do vovô?

SIMEÃO: (com receio) Hiiiiii. (Faz que não)

MANECO - Mas vocês dormem aqui fora. Devem ter visto alguma coisa durante a noite. (A gatinha e o burro dão miados e relinchos significativos de que viram alguma coisa, sim)

MANECO - Então viram o ladrão? (Miam e relinham que sim) Como era ele? (Os dois se olham um pouco, e depois passam pela cena imitando o andar do ladrão) Que andar mais esquisito. E você, Gaspar, não viu nada? Não vigiou a horta durante a noite, como era o seu dever? (Gaspar abaixa a cabeça)

LÚCIA - Vamos, Gaspar, explique-se. É para o seu próprio bem. Onde é que você passou a noite? (Gaspar indica que passou a noite na sua casinha. Entra na casa)

MANECO - E não viu nada? Ninguém entrar?

GASPAR - Au... Au... Au... (Faz que não, e mostra que estava dormindo)

MANECO - Como assim? Dormindo! É assim que você toma conta da horta? É assim que você é amigo do vovô? (Para a platéia) Um cachorro que se preza nunca abandona o posto. (Gaspar, aflitíssimo, dá latidos de tristeza)

LÚCIA - (indignada) Não ofende o Gaspar, Maneco; quem sabe não deram remédio para ele dormir? (Gaspar, ao ouvir isso, anima-se e dá saltos significando que sim)

MANECO - (intrigado) Será possível? Então o caso está se tornando mais grave. Muito mais grave.

LÚCIA - (ao ouvido de Maneco) Florípedes e Simeão viram tudo.

MANECO - (dirigindo-se para os dois) Florípedes e Simeão, respondam: o ladrão era alto ou baixo? (Os dois olham-se espantados, pensam um pouco; e depois, ao mesmo tempo, Florípedes sobe no banco e faz um gesto, indicando que o ladrão era muito alto, miando prolongado, e Simeão se abaixa relinchando, indicando que o ladrão era muito baixo) Que negócio é este? Cada um viu diferente? (Os dois se olham, percebem a contradição e desmancham rapidamente o gesto. Florípedes desce do banco)

LÚCIA - Era gordo ou magro? (Novamente os dois ao mesmo tempo indicam, Florípedes que era muito gordo e Simeão que era muito magro; hesitam um pouco e se olham com medo, percebem o erro e, muito sem graça, desmancham o gesto)

MANECO - Vocês estavam era sonhando. Ora essa, vocês não servem para nada. Vão-se embora. (Florípedes dá miados aflitos procurando chamar a atenção dos meninos para lhes dizer algo)

LÚCIA - (notando Florípedes) Espera, parece que Florípedes quer dizer alguma coisa.

(Florípedes diz que sim)

MANECO - Vamos, Flor, explique-se.

(Junto com Lúcia, corre para a gatinha. Os dois meninos a animam exageradamente. Florípedes, vendo-se dona da situação, afasta-se e começa a mímica. Imita o andar do ladrão e depois finge que desmaia, dando miadinhos finos)

LÚCIA - Você desmaiou quando viu o ladrão? (Florípedes diz que sim, e Simeão mostra ao mesmo tempo que correu para socorrê-la) Ah, e você correu para socorrê-la quando ela desmaiou?

(Simeão faz que sim, levanta Florípedes e os dois saem correndo)

MANECO - E... Depois foram embora correndo? (Simeão faz que não, volta sozinho ao meio do palco, tenta mostrar por mímica que quem saiu correndo foi o ladrão)

LÚCIA - Ah!... E o ladrão fugiu? (Os dois respondem que sim)

MANECO - (ao ouvido de Lúcia) Ih!... Estou muito desconfiado. (Para Florípedes e Simeão) Podem ir agora. (Florípedes e Simeão saem) Mas tratem de abrir bem os olhos e os ouvidos. (Gaspar sai. Maneco grita na direção em que os bichos saíram) Todo mundo aqui é suspeito! (Para Lúcia) Estou muito desconfiado de que Florípedes e Simeão andam mentindo.

LÚCIA - Ou, então, Gaspar.

(Sentam-se no banco)

MANECO - (para a platéia) Mas eles são tão amigos da gente! Por que é que haveriam de roubar as cebolinhas do velho? Eles não entendem nada de chá de ficar moço.

LÚCIA - É, mas o Gaspar é muito comilão.

MANECO - Mas não de cebolinha.

LÚCIA - Ele poderia ter roubado a cebolinha para trocar por um osso...

MANECO - É verdade, Lúcia. Você até parece detetive.

LÚCIA - Ao mesmo tempo acho o Gaspar incapaz de fazer uma coisa dessas. Ele é um cachorro de caráter.

MANECO - Isso é verdade.

LÚCIA - Mas a Florípedes, não sei não.

MANECO - Ela é bem sapeca.

LÚCIA - Você se lembra de quando vovô plantou as cebolinhas? Florípedes miava de contente quando vovô disse que o chá fazia as pessoas ficarem mais moças. Pensamos até que ela estava ficando doida.

MANECO - Me lembro sim. E saiu correndo, miando para o Simeão.

LÚCIA - E essa história que os dois contaram não combinava nada. MANECO - É bom espiar bem esses bichos. Eles são muito sabidos.

VOZ DE FORA - Ó de casa!

MANECO - (para a platéia) É o vizinho novo, seu Camaleão Alface.

(Entra Camaleão Alface, de culote, chapéu de explorador e grandes bigodes. Leva nas costas uma mochila de onde tirará os objetos necessários para a ação)

CAMALEÃO - (ainda de fora) Onde está o Coronel? (Vai entrando muito aflito) Onde está o Coronel? Preciso falar ao Coronel.

LÚCIA - Vovô está se vestindo, seu Camaleão Alface. Ele vai à cidade para...

CAMALEÃO - (quase não deixando as crianças falar) Preciso falar com ele urgentemente.

MANECO - Ele vai à cidade contratar...

CAMALEÃO - O que aconteceu?

MANECO - Roubaram um dos pés de cebolinha.

CAMALEÃO - (correndo para o local do roubo) Não é possível! Como foi isso?

MANECO - Não sabemos ainda de nada. Vovô vai à cidade contratar um detetive.

CAMALEÃO - Detetive?

CORONEL - (aparece pronto para sair e emenda a fala com a do Camaleão) Um detetive para descobrir o raio do ladrão que levou minha cebolinha. (Pega a mão do Camaleão e começa a sacudi-la vigorosamente enquanto fala) Como vai o senhor? Como vai a Associação Protetora das Plantas?

(Camaleão tenta falar mas não consegue)

CORONEL - O senhor continua o presidente? Farei uma comunicação do roubo na próxima reunião. Agora vou à cidade contratar um detetive.

(Sai andando)

CAMALEÃO - Um detetive? (Corre atrás do Coronel e o detém) Um detetive para quê, meu amigo? (Com ar de grande superioridade) Então não sabe que eu sou formado detetive?

CORONEL - O senhor?

CAMALEÃO - (andando lentamente no palco e muito convencido) Passei três anos numa universidade dos Estados Unidos. (Parado, para a platéia, e com malícia) Sou especialista em raptos de verduras, brotinhos, coisinhas tenras e desprotegidas.

MANECO - Mas o senhor tem diploma, seu Camaleão?

CAMALEÃO - Aqui está.

(Puxa ostensivamente da mochila um enorme diploma. Maneco e Lúcia começam a abri-lo. É tão grande o diploma que Maneco precisa trepar no banco e Lúcia se ajoelhar no chão para abri-lo completamente. O Coronel passa os olhos, encantado, pelo documento e o lê em inglês ruim. Enquanto isso, Camaleão, cantarolando, se transforma num xerife, tirando da mochila um colete com estrela, dois enormes revólveres, e uma enorme lente)

CORONEL - Seu diploma é enorme, seu Camaleão Alface. (Vai para junto dele) O senhor está nomeado meu detetive. Pagarei o que quiser.

CAMALEÃO - Não cobrarei nada do senhor. (Adulador) Só quero a sua amizade. (Empunha a lente e vai para o canteiro) Vejamos primeiro as pistas. (Consigo mesmo, examinando o local) Darei a vida para descobrir o mistério da cebolinha.

CORONEL - (encantadíssimo) Muito obrigado, seu Camaleão Alface. Vejo que o senhor é um verdadeiro amigo e protetor das plantas.

CAMALEÃO - E das ciências, meu amigo. (Coloca a mão no ombro do Coronel) A descoberta do chá de cebolinhas vai revolucionar o mundo periclitante da velhice. Começemos pelo... Começo. Vamos agir. Todos são suspeitos. (Examina o avô e, logo depois, as duas crianças, que levam grande susto) Todos, ouviram? (Passeia pelo palco examinando tudo com a lente, e acaba observando a ponta de sua própria bota. Vai subindo com a lente e, quando percebe o que está fazendo, diz) Quase todos! (Para o Coronel) Vamos, tenho um plano. (Para os meninos) Que ninguém saia de casa esta noite. Ordem do detetive Camaleão Alface. (Quase desaparecendo) Ninguém! (Os meninos examinam o diploma. Camaleão torna a aparecer e tira o diploma dos meninos)

CAMALEÃO - Com licença, meninos. (Para a platéia) É o diploma que faz o detetive. (Sai, solene) (Lúcia e Maneco saem atrás, Maneco irritado, Lúcia com grande admiração. Voltam logo depois)

LÚCIA - Formidável este detetive. Que diploma!

MANECO - Não gostei nada dele. Achei tudo muito esquisito. Você acha que um detetive anda sempre de revólver, diploma, medalha? Ele estava com cara de quem já sabia de tudo.

LÚCIA - É faro de detetive, Maneco.

MANECO - Não sei, não... Mas também tenho um plano. Ainda ficaram dois pés de cebolinhas. O ladrão na certa voltará para roubar o resto.

LÚCIA - Ué, por que é que ele há de voltar, ora! A estas horas já deve estar bem contente com a cebolinha na barriga.

MANECO - (categoricamente) Um ladrão volta sempre ao local do crime, Lúcia. (Baixo) Você não leu naquele livro?

LÚCIA - É mesmo, Maneco. (Espantada) Então ele é capaz de voltar esta noite. O que é que vamos fazer? Quantos suspeitos você já tem?

MANECO - (pensativo) Florípedes e Simeão podem ser os ladrões. Gaspar também. Seu Camaleão Alface também pode ser o ladrão. Todo mundo pode ser o ladrão.

LÚCIA - Ah, isso é que não! Não consigo ver o Gaspar roubando cebolinhas. Tão bom que ele é... Nem Florípedes, nem Simeão, nem seu Camaleão Alface... (Para a platéia) Afinal, ele é o presidente da Sociedade dos Amigos das Plantas... Ele é um grande detetive!

MANECO - (implicando) Você é muito boazinha, Lúcia. As mulheres não podem ser detetives por isso. (Para o público) Acham todo mundo inocente. Um detetive precisa ser meio ruim, desconfiar até do próprio cachorro...

LÚCIA - (zangada) Puxa, é preciso ter o coração muito duro para desconfiar até do próprio cachorro, sabe? Isso eu não entendo, não entendo, não entendo, não entendo.

MANECO - Não precisa entender nada, sua boba. Um detetive age sempre sem entender nada. (Neste momento, entra Gaspar. Fareja todos os lados, dirige-se para o canteiro, cheira as cebolinhas com grande cuidado e sai. Maneco e Lúcia observam-no escondidos)

MANECO - Tá vendo, eu não disse? (Faz menção de sair) Vamos embora, anda!

LÚCIA - Não. Quem tem que agir é seu Camaleão Alface. Não é ele o detetive?

MANECO - (irritado) Pois então fique aí, sua boboca. Vou agir sozinho. (Sai correndo)

(Entra Florípedes puxando Simeão pela mão. Sobe no banco e com pequenos miados e grandes gestos procura convencer Simeão, falando-lhe ao ouvido. Simeão não parece concordar. Por fim, fica irritado e sai para o meio do palco, mostrando claramente que não concorda. Florípedes não desiste e vai atrás dele, puxando-o pelo rabo até o canteiro. Argumenta novamente. Simeão vira-lhe as costas mostrando de novo que não concorda. Florípedes tenta mais uma vez convencê-lo, usando de seus encantos felinos. Mas nada demove Simeão de sua decisão. Afinal, Florípedes, irritada, desiste, e resolve executar seu projeto sozinha. Simeão, apavorado de perdê-la, sai correndo atrás dela)

LÚCIA - (que assistiu a toda a cena escondida, revoltada) Oh, oh!... (Sai correndo, chamando) Maneco... Maneco... Maneco...

Segunda Cena

(Escurece bastante. É noite. Entra Maneco envolvido por uma grande capa preta, até o chão, e por um grande chapéu preto. Pé ante pé, exageradamente, com grandes flexões de joelho, olhando para todos os lados, pára um momento diante da cebolinha e, fazendo que ouve um barulho, corre e se esconde atrás do espantalho. Logo depois entra Camaleão Alface, vestido da mesma maneira, andando identicamente. Vai até a cebolinha, pára um instante, atravessa a cena e ouvindo um barulho qualquer torna a atravessar a cena correndo e esconde-se no lugar de onde saiu. Em seguida, entram Florípedes e Simeão, ela na frente, vestidos também como os outros. Andando sempre como Maneco e Camaleão Alface, dirigem-se os dois para a cebolinha, param um instante e encaminham-se para trás da árvore, onde se escondem. Torna a voltar Camaleão, vai novamente até a cebolinha, arranca uma disfarçadamente e continua a volta pelo palco. Ao passar pelo espantalho é seguido, sem o saber, por Maneco; este, por Florípedes e Simeão. Os quatro dão uma volta por todo o palco no mesmo ritmo. A certa altura ouve-se o coaxar de um sapo. Param todos ao mesmo tempo - estão em fila indiana - e olham cada um por sua vez para trás. Recomeçam a andar e depois de uns instantes

ouvem novamente o sapo. Param juntos. Camaleão volta-se e dá com os outros. Grande confusão e correria, gritos, miados, relinchos. Todo o andar dos personagens deve ser seguido do barulho de lixa, recoreco, tambor etc.)

MANECO - Peguei o ladrão!

CAMALEÃO - Me larga, menino, sou Camaleão, o detetive, e o ladrão é você.

(Mais gritos, miados e relinchos até que entra o Coronel, de ceroulas, segurando um lampião e dando a mão a Lúcia.

A cena se ilumina e o Coronel vê o detetive agarrado em Maneco. Florípedes e Simeão, morrendo de medo, observam num canto)

CORONEL - (entra gritando) Que barulho infernal é este? Parem de gritar. (Vendo a cena) Meu Deus, que quantidade de ladrões! (Ilumina cada ladrão com o lampião) (Lembra-se das cebolinhas e corre para o canteiro) Roubaram o meu segundo pé de cebolinha!! (Senta-se desolado no banco)

CAMALEÃO - (tirando o disfarce) Pode ficar certo, Coronel, que o ladrão está por aqui.

CORONEL - Tanto ladrão para uma pobre cebolinha!...

CAMALEÃO - (senta-se apressado junto ao Coronel) Pus este disfarce para ver se confundia o larápio, e o senhor há de perceber que aqui há dente-de-coelho.

MANECO - (também tirando o disfarce) Também pus o disfarce para o ladrão se confundir, vovô.

CORONEL - (irônico, levanta-se e dirige-se aos bichos) É, e vocês dois aí no canto, também puseram o disfarce para ver se pegavam o ladrão mais facilmente, não é? (Florípedes e Simeão, aterrorizados, meneiam a cabeça dizendo que sim)

CORONEL - (senta-se novamente e diz, lamurioso) Que confusão dos diabos vocês fizeram! É assim que me ajudam? O que vocês estão fazendo é ajudar o ladrão. Com isso ele roubou minha segunda cebolinha, e adeus chá de longa vida!

CAMALEÃO - (indo para o meio do palco e tomando conta da situação) Todos os presentes são suspeitos. Desobedeceram à minha ordem de não sair à noite. Logo, são candidatos a ladrão.

MANECO - E o senhor também!

CAMALEÃO - Menino, pare de falar. (Maciamente) Senhor Coronel, um detetive não tem coração quando está trabalhando. (Enérgico) Vou ser obrigado a ser muito severo com seu neto. É preciso que todos me obedeçam. Vamos, quero vocês aí enfileirados para uma inspeção. (Todo amável com o Coronel) A cebolinha raptada não deve estar muito longe.

(Maneco recusa-se a obedecer. Camaleão tira o revólver da cintura e começa a examiná-lo. Lúcia, aterrorizada, tenta convencer Maneco)

LÚCIA - Anda, Maneco, trate de fazer o que ele quer. Pelo menos por enquanto. (Maneco, a contragosto, põe-se também em fila ao lado dos bichos)

CAMALEÃO - Mostrem as mãos. (Ele e o avô as examinam) Mostrem a boca. (Puxa o Coronel para o centro do palco e diz-lhe confidencialmente) Talvez o suspeito tenha engolido a cebolinha na hora da confusão, e o cheiro deixado na boca será uma pista preciosa. (Volta aos bichos e cheira a boca de Simeão e Florípedes. Torna a cheirar Florípedes, carrega o Coronel novamente para o centro do palco e diz-lhe) Está um cheiro suspeito. (Florípedes mia de medo. Camaleão volta a ela, cheira-a novamente) Suspeitíssimo. (Florípedes começa a tremer toda e a miar apavorada. Ouvem-se latidos sofredores cada vez mais fortes)

CORONEL - O que é isto?

MANECO - É o Gaspar! (Chega Gaspar, cambaleando e querendo latir qualquer coisa. Não conseguindo, cai desmaiado. Todos se precipitam sobre ele)

LÚCIA - (enquanto Gaspar cambaleia) Pobre Gaspar! Está babando em bicas. (Gaspar cai)

TODOS - (precipitam-se sobre Gaspar, dizendo juntos) Desmaiou!

CAMALEÃO - Peço silêncio e concentração geral.

MANECO - Depressa, Lúcia, vá chamar o médico. (Lúcia sai correndo)

CAMALEÃO - Afastem-se. (Empurra todos. Maneco cai no chão. Camaleão examina Gaspar com a lente. Por fim, apontando a pata do cachorro, exclama) Oh, veja, senhor Coronel!

CORONEL - (de braços abertos, muito patético, cai de joelhos diante de Gaspar) A segunda cebolinha! Gaspar, Gaspar, meu cachorrão de confiança, como é que você teve coragem de fazer uma coisa dessas? (Chora)

MANECO - (correndo para junto do avô) Mas, vovô, isso não prova que ele seja o ladrão. Você acha que quem rouba qualquer coisa vem desmaiar aos pés do detetive? Só se for muito bobo...

CORONEL - Isso é verdade. Mas então quem teria posto a cebolinha na pata do Gaspar?

MANECO - Ora, o ladrão, quem sabe...

CAMALEÃO - (que todo o tempo escutava e olhava de esguelha o Coronel, interrompe a frase e empurra o menino) Quem tem que descobrir o ladrão sou eu. Não sou o detetive? Peço ao menino que não dê mais nenhum palpite. (Volta todo sorridente para junto do Coronel) Senhor Coronel, temos uma nova pista. Gaspar é o suspeito número um.

MANECO - Aí vem o médico. Vamos ver o que ele tem a dizer. (

Chega o médico com sua malinha. Entra andando com passos miúdos, rápidos, olhar vago. Desce para a platéia e só se volta ao perceber que todos o chamam)

MANECO - É aqui, doutor!! É aqui!!

CAMALEÃO - (com ares importantes) Doutor, é de suma importância que este animal recobre a razão. Talvez que por detrás desse silêncio cachorril tenhamos a chave do horrível rapto de duas preciosas cebolinhas perpetrado nesta horta que pertence ao honrado Coronel José Felício dos Reis (É interrompido pelo Coronel, que o cumprimenta) ... Amigo das plantas e da ciência da longa vida.

MÉDICO - (que é surdo) Quer fazer o favor de falar mais alto?

CAMALEÃO - (mais alto) Digo que aqui neste local, pertencente ao Coronel José Felício dos Reis... (Novo cumprimento do Coronel) perpetrou-se um horrível roubo de duas preciosas cebolinhas oriundas da Índia.

MÉDICO - (tira da mala um enorme estetoscópio e o põe no ouvido) Está moribunda?...

CAMALEÃO - (perdendo a paciência) Examine este cachorro!

MÉDICO - (ausculta Gaspar. Ouve-se o barulho da pulsação do coração, bem alto. À medida que o médico muda de lugar o estetoscópio, na orelha, no rabo, na pata, o barulho também muda, mas conserva o mesmo ritmo) Ou é febre de malária...

TODOS - Oh! (O médico ausculta novamente)

MÉDICO - Ou é remédio para fazer dormir.

LÚCIA - Pobre Gaspar!

CAMALEÃO - (sinistro) Talvez o criminoso!

MÉDICO - (auscultando novamente) Remédio para fazer dormir. (Tira da mala um grande vidro de sais, e sacode-o para lá e para cá, num movimento largo, em frente ao nariz de Gaspar. O cachorro mexe um pouco as patas, até que volta a si, latindo. Levanta-se de repente e, vendo os bichos com a capa, assusta-se e corre de um lado para outro e acaba ajoelhado aos pés do Coronel, latindo tristemente)

CORONEL - (afagando-o) Ele é mesmo o suspeito, seu Camaleão Alface?

CAMALEÃO - (duro) Cada vez mais. (Examina as patas de Gaspar) Tirarei as impressões patais e amanhã de manhã certamente terei que chamar a polícia para dar ordem de prisão ao Gaspar. Ninguém deve sair esta noite. Ficarei com meu revólver vigiando. Se eu vir alguém, podem ficar certos de que atirarei sem piedade. O coração de um detetive no trabalho é duro como pedra. (Tira os revólveres da cintura) Ninguém deve desobedecer.

(Aponta os revólveres para os bichos) Olha que eu atiro mesmo. (Os bichos, aterrorizados, levantam as mãos, inclusive Gaspar)

CAMALEÃO - Agora vamos, Gaspar. Tirarei suas impressões patais.

(Pega uma corda e começa a amarrar as patas do cachorro) (Durante esta fala, o médico, que logo após Gaspar ter recobrado a consciência havia se afastado para um lado, observa curiosamente Camaleão, que está de costas para ele. O médico tira da mala um enorme termômetro, limpa-o, abaixa a temperatura etc. Fica ocupado nessa mímica durante todo este tempo)

CAMALEÃO - Vamos, Coronel. Pode ficar descansado. O ladrão será desmascarado até amanhã de manhã. (Lança um terrível olhar a Gaspar, que está aterrorizado) À polícia! (Sai puxando Gaspar pela corda, que deve ser comprida. E vai marchando ao som da batida marcial de um tambor, acompanhado pelo cachorro, pelo médico, que sai de termômetro em punho atrás do detetive, e pelo Coronel, que vai levado pelo ritmo)

CORONEL - Adeus, minha última cebolinha verde! Deus te guarde, para o bem da humanidade!

MANECO - Estou desconfiadíssimo.

LÚCIA - Eu também.

MANECO - Acho impossível o Gaspar roubar a cebolinha e vir desmaiar bem nos pés do detetive.

LÚCIA - Temos que dar um jeito, Maneco. O que não se faz é prender o Gaspar sem saber ao certo se ele é o ladrão...

MANECO - É uma injustiça. Vovô não devia permitir.

LÚCIA - Vovô só pensa nas cebolinhas dele e vai na onda do detetive.

MANECO - Temos que agir esta noite. (Anda pensativamente mas resoluto, dando voltas pelo palco, com Lúcia atrás, aflitíssima)

LÚCIA - É melhor você não se meter mais, Maneco. O detetive disse que ficaria de revólver esta noite protegendo a última cebolinha viva. Para quem aparecer ele prometeu um tiro!

MANECO - É, Lúcia, mas você tem que ver que agora não é somente a cebolinha do vovô que estamos querendo salvar. É também o pobre do Gaspar que está correndo um perigo muito sério. São capazes de fazê-lo virar salsicha.

LÚCIA - Você tem razão, Maneco, a gente não pode deixar que façam uma injustiça com o Gaspar. Coitadinho, se ele não é o ladrão, não deve pagar o pato.

MANECO - Temos que dar um jeito...

LÚCIA - (corre para Maneco) E o Camaleão Alface?

MANECO - Eu acho que ele não é detetive coisa nenhuma... (Passeia pela cena preocupado)

LÚCIA - A gente tem que descobrir ainda esta noite. Porque senão... Era uma vez um cachorrão que virou salsicha...

MANECO - (vai até a cebolinha) E adeus à última cebolinha da Índia... Coitadinho do velho. Ficaré maluco sem seu pezinho de cebolinha.

(Fica observando a cebolinha)

LÚCIA - (pula a cerca e chega perto da cebolinha) Ah! Tive uma idéia. E se a gente puser uma cerca em torno dela? Ninguém poderia arrancá-la.

MANECO - Não sei não... Esses ladrões são tão espertos!...

LÚCIA - E se puséssemos uma armadilha?

MANECO - Uma armadilha não adianta nada. E onde vou arranjar uma armadilha agora? (Passeia para lá e para cá em frente ao espantalho. De repente pára diante dele, e de um salto abraça-o) Lúcia, tive uma idéia. Vou me fingir de espantalho. Ninguém vai desconfiar não. E quando o ladrão aparecer para roubar a cebolinha, nhac... (Começa a despir o espantalho)

LÚCIA - (medrosa) Mas isso é muito perigoso para você, Maneco. Imagine se o detetive descobre! Pode atirar nele, e adeus meu irmão. É melhor desistirmos dessa idéia.

MANECO - Tomarei muito cuidado em não mexer nem o dedinho do pé.

LÚCIA - (tenta demovê-lo da idéia, e procura pegar o casaco do espantalho) Desista, Maneco. O melhor é nós dois ficarmos vigiando ali atrás daquela árvore.

MANECO - Não, sua boba. Ali é muito longe. Eu vou ficar aqui mesmo. Ninguém vai desconfiar. E depois, Lúcia, a gente tem que salvar a vida do Gaspar de qualquer maneira.

LÚCIA - Então ficarei atrás da árvore vigiando você.

MANECO - Ah, isso é que não. Você vai ficar bem quietinha na sua cama, rezando por mim e pelo Gaspar.

LÚCIA - (decidida) Se você não deixar eu ficar atrás daquela árvore, vou agorinha mesmo contar ao detetive que você quer se vestir de espantalho... (Dirige-se ao lado do palco de onde saiu o detetive)

MANECO - Não! Lúcia, venha cá. Tá bem! Você ficará escondida atrás da árvore, mas muito cuidado para não fazer nenhum barulhinho.

OS DOIS - (juntos, para a platéia) Sabe, pessoal, a gente vai pregar um susto no danado do ladrão!!! (Saem, levando o espantalho)

Terceira Cena

(Cena escura. É noite. Surge Lúcia cautelosamente, espia para todos os lados. Leva uma corda na mão)

LÚCIA - Pode vir, Maneco. Não vem ninguém. Cuidado, não faça barulho. O Camaleão deve estar rondando por aí.

(Aparece Maneco: disfarçado de espantalho. Os dois se encaminham para a horta, quando se ouve o coaxar de um sapo. Assustados, correm para o lugar de onde saíram)

MANECO - Você ouviu?

LÚCIA - Ouvi, mas não vejo nada. (O sapo torna a coaxar) É Papão, o sapo-martelo. Que susto.

MANECO - Posso ir agora?

LÚCIA - Espera aí! (Olha para todos os lados) Pode vir, mas cuidado para não fazer barulho.

(Maneco entra na ponta dos pés e dirige-se para o lugar do espantalho. Lúcia ajuda nos últimos arranjos)

MANECO - Anda, Lúcia, vá se esconder. Não quero que ninguém nos veja.

LÚCIA - Já vou, mas não se mexa, sim? Você está com medo?

MANECO - Um pouquinho.

LÚCIA - Então coragem, meu irmão.

(Fazem o sinal-da-cruz. Ouve-se barulho de vozes)

MANECO - Corre, Lúcia, lá vem gente.

(Lúcia se esconde, Maneco fica imóvel na posição de espantalho. Move só os olhos. Entram o Coronel e o detetive)

CORONEL - Não me entra na cabeça que o Gaspar seja ladrão. Ele tem sido um ótimo cão de guarda. Nunca roubou nem um ossinho de galinha!

CAMALEÃO - Nem um ossinho de galinha? Coronel, então o caso é grave. Seu cachorro é danado.

CORONEL - Será possível? Ele era o guarda da horta. Na certa, de tanto guardar as minhas cebolinhas ficou tentado e não resistiu...

CAMALEÃO - Hoje à noite faremos a prova final. Soltaremos o Gaspar. Ele na certa, cada vez mais guloso, virá roubar a última cebolinha. (Empunha os revólveres) Ficarei de guarda com estes dois revólveres e... (Para a casa do Gaspar) pum... Pum... Adeus, cachorro ladrão.

CORONEL - (abaixa timidamente os revólveres do detetive) Não precisa de revólver, seu Camaleão. Gaspar é cachorro manso. Basta uma corda.

CAMALEÃO - (guarda os revólveres) Uma corda para prender um cachorro danado de guloso? O senhor está maluco... Não sabe o que é gula de cebolinha... (Lambe os beiços)

CORONEL - (muito impressionado) O senhor não quer então que eu fique também para ajudá-lo na captura?

CAMALEÃO - (rápido) Não! Quer dizer... Quero prender o ladrão sozinho. Está em jogo a minha, honra de detetive.

CORONEL - (sentido) Está em jogo é a minha última cebolinha verde, ora...

CAMALEÃO - Coronel! Está quase na hora. É melhor o senhor entrar e fechar bem as portas. Sobretudo, não deixe seus netos saírem. Prenda-os no quarto, a chave. O senhor sabe como é cachorro danado... Hei de pegá-lo com a pata na cebola!

CORONEL - Fecharei bem a casa. Mas se o senhor precisar de alguma coisa é só apitar, que virei a jato com minha espingarda. (Dá uns passos meio trôpegos, fazendo gesto de ter a espingarda empunhada)

CAMALEÃO - Depressa, coronel. Não há mais tempo a perder. (Empurra o Coronel para fora)

CORONEL - Adeus, formosura da Índia. Fique certa de que esta noite você será bem protegida. (Maneco faz que sim com a cabeça sem ser visto, e Camaleão também, com cara sinistra. Acreditando-se só, Camaleão revela o horrível caráter que possui, dando uma risada e andando de um lado para o outro do palco)

CAMALEÃO - Ha, ha, ha, ha! O velhote está crente que sou detetive! Detetive coisa nenhuma! (Arranca o bigode e a estrela de xerife, joga-os ao chão) Sou mesmo é ladrão de cebolinhas!... Isso mesmo, (para a platéia) ladrão de cebolinhas. Todo mundo vai pensar que foi o cachorro. Botei direitinho a culpa para cima daquele bobão... Darei dois tiros no bicho e todo mundo ficará pensando que foi ele o ladrão. Então poderei roubar o último pé de cebolinha. Farei o chá, e venderei para todos os velhos que andam por aí querendo virar moços! Ficarei milionário! Quem quer comprar chá de ficar moço?... Todo mundo vai querer. Ainda bem que o Coronel prendeu o Maneco e a Lúcia. Aqueles dois são sabidos demais. Estão agora trancadinhos no quarto. Ha, ha, ha! O Maneco deve estar furioso... Bem feito... Quem manda se meter comigo? Eu sou mau de nascença. A gata (imita a gata) e o burrico (idem) são uns idiotas. Vou botar remédio de dormir no capim em que eles dormem. Dormirão muito bem e não me atrapalharão. Agora vou começar a agir. Que horas são? (Tira um relógio do bolso) Meia-noite. À meia-noite e quinze, a cebolinha estará no ponto de ser colhida. Vamos ver o que diz o livro de receitas. (Tira do bolso um livro de receitas, e ao folheá-lo vai dizendo) Chá de alface, chá de agrião, chá de hipopótamo... Etc... Chá de cebolinha... Chá de cebolinha da Índia para rejuvenescer... Misturam-se (faz o gesto) três cebolinhas num litro d'água. A cebolinha deve ser colhida à meia-noite e quinze em ponto. É isso mesmo.

Vamos, Camaleão Alface! Está na hora de vestir a roupa de ladrão. O campo está livre. Pode roubar em paz... Adeus, conversa de detetive!...

(Sai correndo)

MANECO - (saindo da posição de espantalho) Patife! Ladrão! Mentiroso!

LÚCIA - Bandido, sem-vergonha, desalmado. Enganou o vovô.

MANECO - Acusou o Gaspar... E ainda por cima quer levar o último pé de cebolinha. Mas ele há de pagar!

LÚCIA - Maneco, estou morrendo de medo. Nunca vi tanta ruindade junta! Vamos chamar o vovô?

MANECO - Você está louca, Lúcia. Infelizmente o Camaleão conseguiu convencer o velho. E se ele nos pega, vai nos trancar no quarto e adeus plano. Temos que agir sozinhos com a ajuda de Deus. (Ouve-se um barulho)

LÚCIA - Depressa. Vem alguém. (Retomam as posições. Entra Florípedes, pé ante pé. Percorre o palco cautelosamente para certificar-se de que está só. Satisfeita, encaminha-se para a horta, em direção aos girassóis. Arranca um deles e dirige-se para o banco onde senta-se muito contente e muito dengosa. Começa a tirar as pétalas)

FLORÍPEDES - Miau-me-quer... miau-me-não...

MANECO - (chamando) Florípedes!

(A gata ouve e pára espantada, levantando-se bruscamente do banco. Olha para todos os lados, não vê nada, e muito medrosa começa a puxar outra pétala. Novamente Maneco a chama. Florípedes, medrosíssima, levanta-se, dá alguns passos, vai andando devagar para o espantalho. Quando ela está bem perto do espantalho, Maneco chama novamente e, quando percebe que a voz vem do boneco, Florípedes desmaia com um grande miado. Maneco e Lúcia correm para a gata, abanando-a)

MANECO - Flô, sou eu, Maneco.

LÚCIA - Florípedes! Florípedes, acorda, anda. (Florípedes acorda e levanta-se, olhando muito espantada para Maneco, sem compreender nada) Temos só dez minutos para pegar o ladrão e você ainda pensa em fazer malmequer com girassóis!

MANECO - Descobrimos que o ladrão é o Camaleão Alface e temos que pegá-lo daqui a pouco. (Florípedes mia assustada e corre, metendo-se na casa do cachorro. Maneco puxa-a pelo rabo)

MANECO - Aí não, Florípedes. Você quer nos ajudar a pegar o ladrão? (Flô diz que sim) Então vá depressa, porque o Camaleão botou remédio de fazer dormir no capim em que vocês dormem. (Florípedes está indignada. Sai furiosa à procura de Simeão)

LÚCIA - E onde está o pobre Gaspar? Tenho medo que o ladrão atire nele antes do roubo.

MANECO - Não há perigo, porque ele tem que roubar a cebolinha à meia noite e quinze. Que horas são? (Entra Florípedes empurrando Simeão, que está meio tonto)

LÚCIA - Aposto que Simeão está meio tonto. Deixa eu cheirar. (Cheira) Você está se sentindo bem? (Simeão relincha que mais ou menos)

MANECO - Vocês querem ajudar a pegar o ladrão? (Os dois fazem que sim) Então vão se esconder com a Lúcia. Cada um pega um pau. Lúcia, você está com a corda?

LÚCIA - Está ali atrás da árvore.

(Maneco e os bichos saem pelo palco à procura de um pau. Florípedes pega um gravetinho achando que está muito bem armada. Vai contentíssima, miando, mostrar à platéia. Maneco a empurra para trás da árvore, mas ela volta e é preciso que Lúcia vá buscá-la. Simeão, que pegou um grande pedaço de pau, também o mostra à platéia, dando algum trabalho a Maneco para colocá-lo atrás da árvore. Há um momento de confusão no palco)

MANECO - Muito bem, depressa! Todos em suas posições! (Maneco volta ao lugar do espantalho, Lúcia e os bichos atrás da árvore. Pausa. Silêncio. Entra Camaleão com sua roupa de ladrão e tira o relógio)

CAMALEÃO - Meia-noite e quinze no meu Pateque Cebola. A minha cebolinha está no ponto de ser colhida. Toda a família está dentro de casa dormindo que nem anjinhos. Ha, ha, ha! (Os meninos e os bichos fazem eco da gargalhada: "Ha, ha, ha!". Camaleão pára assustado e diz) Eco. Ha, ha! (Novo eco dos meninos e bichos: "Ha, ha!". Camaleão, assustado) Eco? (Escuta um pouco. Tranquiliza se) Os meninos estão presos no quarto... Ha, ha, ha! (Escuta e não ouve nada) A bobinha da gata (Flô avança furiosa mas é contida por Lúcia) com o idiota do burro (Simeão avança mas é contido por Lúcia) estão roncando a estas horas. Estou sozinho. (Vai para a cebolinha) Venha, cebolinha, venha virar chá para enriquecer o Camaleão.

(Vai se abaixando, e Maneco se prepara para dar-lhe uma paulada quando o sapo coaxa. Camaleão, assustado, se levanta, fazendo com que Maneco volte a sua posição e Lúcia e os bichos se escondam atrás da árvore. Camaleão investiga, podendo dar voltas na árvore, com os três, aterrorizados, rodando atrás. Finalmente, ouve-se novamente o sapo. Camaleão se tranqüiliza e volta para a cebolinha. Quando se abaixa, Maneco lhe dá uma paulada. O tambor bate forte. Camaleão levanta, pula a cerca meio tonto e avança para a frente do palco, cambaleando. É rodeado por Maneco, Lúcia, com a corda na mão, e os bichos)

MANECO - Cambaleia, seu Camaleão de uma figa. (Camaleão, completamente tonto, executa uma dança caindo de um lado para o outro)

do palco, acompanhado por todos, que cantam a música de Samba Lelê: cada passo da dança é marcado com batida de tambor)

TODOS - Camaleão tá doente, Tá com a cabeça quebrada, Camaleão precisava, É de uma boa paulada. (Todos dançam em volta de Camaleão, cantando o estribilho, e depois Lúcia, conduzindo-o ao banco, tenta amarrá-lo) Camba, camba, cambaleão. Camba, camba, cambaleão.

CAMALEÃO - (no meio de todos, numa grande confusão) Me deixa, menino, me larga, me larga, sua gata feia. Sai, burro idiota. Chamarei o Coronel, e provarei que vocês é que são os ladrões. (Luta e consegue fugir. Os meninos e os bichos têm um momento de hesitação e surpresa mas logo Maneco sai correndo gritando "pega ladrão", seguido por Lúcia, a gata e o burro. Passam uma vez atravessando o palco e saem mais uma vez. Aí entra o médico, segurando uma enorme tripa de jornal e gritando)

MÉDICO - Senhor Coronel, senhor Coronel, veja!

(Camaleão passa correndo, dá-lhe um encontrão e o médico roda sobre si mesmo. Logo depois vem Maneco, que faz o mesmo, e depois Lúcia, Flô e Simeão. Cada um vira o médico para um lado. Todos atravessam o palco, deixando o médico aturdido no meio da cena. Entra novamente Camaleão e ao passar pelo médico resolve fugir por entre as pernas do mesmo. Quando este se abaixa para ver o ladrão, entra correndo Maneco, que pula carniça sobre o médico, depois Lúcia, que faz o mesmo, e Florípedes, que tenta também pular mas não consegue e, zangada, rodeia o médico pela frente, e finalmente Simeão, que derruba o médico, caindo também num espetacular tombo. Camaleão conseguiu fugir para o lado contrário ao dos seus perseguidores. Entram todos e começam a procurar o ladrão pela cena. Flô avança mais que os outros para o lado por onde Camaleão fugiu, e este vem na ponta dos pés, olhando para trás; Florípedes, quando está bem perto do detetive, solta um miado agudíssimo que assusta o ladrão, que foge. Grandes gritos, miados e relinchos. Entra o Coronel com a espingarda)

CORONEL - O que foi? Pegaram o Gaspar com a pata na cebola? (Vendo que é Camaleão o culpado) O quê? Então o senhor que se dizia meu amigo... É o...

MÉDICO - Veja, veja, seu Coronel. Estão procurando um terrível ladrão de hortas e veja o senhor com quem ele se parece.

CORONEL - (pega o recorte e dá a espingarda para o médico, que olha espantado e a coloca no ombro, ficando em posição de sentido) É este mesmo. Seu Camaleão Alface, (lendo) cujo verdadeiro nome é Camaleão Tiririca, (faz cara de nojo para o ladrão) roubou a horta da rainha Elizabeth e fugiu para o Brasil. (Apanha a espingarda e aponta-a para Camaleão) Irá para a prisão agorinha mesmo.

MÉDICO - Espera um pouco, Coronel. Quero ouvir o coração deste desgraçado. (Vai para o Camaleão e diz) Levanta. (Chorando, Camaleão diz que não pode, que está cansado) Levanta. (Ausculata-o. Ouvem-se barulhos

horríveis) Nunca escutei um coração tão ruim. (Ausculta novamente. Outra vez os barulhos horríveis. Camaleão, envergonhado, baixa a cabeça)

CAMALEÃO - Ele bate assim desde pequenino.

MÉDICO - Senhor Coronel, este ladrão não precisa de prisão... O que ele precisa é de hospital. (Ausculta novamente) O coração está completamente viciado em ruindade. É uma charanga velha. Um calhambeque!

CORONEL - O senhor, querendo, pode levar.

MÉDICO - Vamos, o senhor é um caso muito sério. Precisa de tratamento urgente. (Sai o médico, puxando o ladrão por uma corda)

CORONEL - Graças a Deus estamos livres. Maneco e Lúcia, vocês foram realmente muito corajosos. São os melhores netos do mundo. Que grande idéia vocês tiveram com este espantalho. (Florípedes mia) E você também, Florípedes. Gostei de ver. Ganhará uma fita nova. (Flô mia, toda dengosa. Simeão relincha) E você também, Simeão, é um burrinho muito inteligente. Terá ração dupla de capim hoje. (Simeão relincha satisfeito)

LÚCIA - E Gaspar? Por onde andarás Gaspar?

MANECO - (chamando) Gaspar! Gaspar!

(Ouvem-se latidos de Gaspar. Maneco sai e volta com o espantalho. Veste-o e coloca-o no lugar. Entra Gaspar, trazendo um revólver, chapéu de explorador e a lente do detetive. Todos riem dele, que, ofendido, joga tudo no chão. Florípedes, entre miados agudos, conta-lhe que o ladrão foi preso e já partiu. Gaspar, valente, late então ruidosamente na direção por onde saiu Camaleão. Todos riem)

CORONEL - Muito bem. Muito bem. Agora vamos todos dormir em paz. Vocês devem estar cansados. Boa noite para todos. Amanhã farei o primeiro chá de cebolinha e todos podem provar um pouco. (Flô mia de satisfação)

CORONEL - A cebolinha que ficou dará outros pezinhos e daqui a dois anos teremos uma grande plantação.

MANECO - Bênção, vovô. (Beija-o) CORONEL - Boa noite, meu neto detetive.

LÚCIA - Boa noite, vovô. (Beija-o)

CORONEL - Boa noite, minha neta detetive. (Saem os meninos. O Coronel corre para a cebolinha) Boa noite, minha linda cebolinha, meu chazinho da Índia. Agora você poderá crescer em paz. (Para a platéia) Boa noite para vocês todos. Voltou a paz no sítio do Coronel. Vou tirar uma soneca. (Sai assobiando alegremente. Coaxa o sapo. Ao passar pelo banco, o Coronel pega na espingarda e a põe no ombro. Mas, meneando a cabeça, larga-a e sai com o ancinho aos ombros)

PANO